

Repercussão do cenário político

Ex-ministros já vêm prejuízo no plano econômico

Lia Carneiro

SÃO PAULO — A crise econômica do país não tem fôlego para suportar a crise política do governo. “Para enfrentar uma crise grave como a nossa, decorrente de desequilíbrio fiscal e inflação alta, é preciso um governo com credibilidade. E não vejo condições para o presidente Collor permanecer no governo”, afirma o ex-ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira. “O ministro Marcílio está mais forte. Ele dá um mínimo de legitimidade ao governo. Quem está ameaçado é o presidente. Não vejo condições de empurrarmos as coisas com a barriga por mais dois anos e meio”, acrescenta Bresser Pereira.

O ex-ministro da Fazenda ressalta que a política de juros altos e de recessão não quebra a inércia inflacionária. “Isto já estava claro antes da crise política. O governo Collor está em permanente recessão. Como a inflação não iria cair mesmo, agora pode existir uma aceleração”, explica Bresser Pereira. “Em outros países ocorrem crises políticas, o índice da Bolsa de Valores despenca, mas a inflação continua baixa. Aqui, os investidores já estão demonstrando insegurança na

Bolsa. E com uma inflação no patamar que temos, tudo pode acontecer.”

Para o ex-presidente do Banco Central, Affonso Pastore, o discurso do presidente Collor no domingo não deverá produzir impacto algum na inflação. “Discursos não mudam as taxas de inflação. Ela depende, sim, dos instrumentos de política monetária”, acredita Pastore. “Hoje, o governo mostra que no médio prazo está perdendo o controle dos instrumentos.”

Boatos — Como está ocorrendo desde o início das denúncias contra o empresário alagoano Paulo César Farias, o mercado financeiro oscilou e a Bolsa de Valores de São Paulo caiu cerca de 6%. Há boatos para todos os gostos, desde a substituição do ministro Marcílio até a sua permanência no caso de uma gestão do vice-presidente da República, Itamar Franco. “O boato mais forte de ontem foi o da visita do deputado federal Ulysses Guimarães à Escola Superior de Guerra. Na Bolsa de Valores chegou a versão de que ele estava defendendo o *impeachment*”, conta um operador do mercado financeiro.

Apesar de toda tensão, a expectativa de inflação continua a mesma: de 21% a 23% para junho e julho. “Na primeira semana de junho entraram US\$ 100 milhões. Na segunda semana, não saiu nada,

mas a entrada despencou para US\$ 20 milhões”, explica o diretor de mercado de capitais do Citibank, Orestes Prado. Para o coordenador-adjunto do IPC da Fipe, Heron do Carmo, é impossível dimensionar o impacto da crise política na inflação. “Essa confusão política pode elevar a inflação para patamares maiores.”, afirma Heron.

Ajuste fiscal — “A remarcação preventiva do início do mês já mostrou como o componente expectativa é muito forte na inflação brasileira. Mas, com uma recessão deste tamanho, é impossível a inflação explodir”, argumenta o diretor do Dieese, Sérgio Mendonça. “A grande questão é como conseguir sustentar uma política recessiva que não produz resultados. Para mim, a queda do ministro Marcílio é uma questão de tempo.”

Para o ex-secretário do Tesouro, Andrea Calabi, é necessário transcender a crise política para fazer já o que é indispensável para o Brasil do futuro. “O consenso é que o governo precisa implementar o ajuste fiscal e transcender a fofoca política do momento”, afirma Calabi. “Não acho que a crise afugentará os investimentos porque os ativos brasileiros, quando comparados com os dos mexicanos e dos argentinos, são muito mais baratos”, acrescenta o consultor. “Se o presidente fica ou não é irrelevante para a inflação”.